

“Indicadores de Desempenho nas Universidades Estaduais Paulistas ”

Pró-Memória do pré-workshop (15.12.17)

Data: 22 de novembro de 2017 – quarta-feira

Horário: das 09:30 às 14:00 horas

Local: Sala Multiuso/FAPESP

Resumo :

Esta pró-memória resume as apresentações e discussões havidas no encontro realizado no dia 22 de novembro de 2017, na FAPESP, para definir objetivos, conteúdo, temas e resultados esperados do **Workshop “Indicadores de desempenho nas Universidades Estaduais Paulistas”, a se realizar em março de 2018**. Na ocasião, foram apresentadas as experiências da USP, UNICAMP e UNESP com as comparações internacionais, o site digital de apoio ao projeto e as sinopses dos temas selecionados.

Participaram do encontro pela FAPESP: José Goldemberg, Carlos Henrique de Brito Cruz, Claudia Izique; pela USP: Raul Machado, Silvio de Paula, Paulo de Tarso Muzy, Karen Shimizu; pela UNICAMP: Marisa Beppu, Maurício Kleinke, Rosângela Maria Correia Leves; pela UNESP: Carlos Eduardo Vergani, Flávia Maria Bastos, Helber Holland; e os pesquisadores associados ao projeto: Jacques Marcovitch, Justin Axelberg, Luiz Nunes de Oliveira, Renato Pedrosa, Nina Ranieri, Elizabeth Balbachevsky e Solange dos Santos.

Após as apresentações foram levantadas as expectativas para o delineamento do workshop que integra as atividades do Projeto *Indicadores de Desempenho nas Universidades Estaduais Paulistas*, vinculado ao Programa Pesquisa em Políticas Públicas. (<http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/97010/indicadores-de-desempenho-nas-universidades-estaduais-paulistas/>). Este projeto almeja contribuir para a **estruturação e implementação de um sistema de indicadores de desempenho nas Universidades Estaduais Paulistas**, para monitorar e aprimorar sua inserção nas comparações internacionais.

Temas abordados durante o encontro:

Rankings Internacionais: A experiência da UNICAMP e seus resultados.

A professora **Marisa Beppu** apresentou a abordagem da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário (PRDU) para rankings e monitoramento de dados. Informou que a Unicamp prioriza três rankings internacionais: Shanghai Jiao Tong, Quacquarelli Symonds e Times Higher Education (THE) e a iniciativa de perfis institucionais do Clarivate. Foi detalhado o sistema de avaliação institucional, realizado por meio de um processo de auto-avaliação e um painel externo de avaliação.

Os dados para o Anuário Estatístico são coletados por meio de um processo automatizado on-line. Trata-se do Sistema de Pesquisa, Ensino e Extensão (SIPEX), de captação e disponibilização de informações relativas a pesquisadores, produção intelectual, pesquisas, atividades de extensão da Universidade (disponível em www.unicamp.br/sipex/). O SIPEX integra também a base de patentes INOVA/Unicamp, utilizando mecanismos inteligentes e de fácil utilização para importação e/ou exportação de informações. Em termos de compatibilidade, a Web of Science alimenta o SIPEX, mas no momento os dados do Lattes e do Scopus são mais difíceis de integrar. Foi registrado que o sistema de avaliação institucional é feito por meio de um processo de auto-avaliação dos docentes e um painel externo de avaliação. A Unicamp almeja obter maior conectividade de informações e uma melhor automação dos sistemas de coleta de informações e sua acessibilidade.

O Grupo Gestor do SIPEX, subordinado à Coordenadoria Geral da Universidade, é constituído por docentes de várias áreas do conhecimento, tais como Medicina, Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Sociais, Artes, Ciências Exatas e Engenharias, além de um membro dos Centros e Núcleos e dois membros do Centro de Computação. São atribuições do Grupo Gestor do SIPEX: interagir com os órgãos de fomento (Capes, CNPq, Fapesp e outros) para implantar mecanismos de intercâmbio de informações ágeis e automáticos; responsabilizar-se pela interação com os diferentes grupos de usuários e, finalmente, priorizar as necessidades e demandas normatizando os procedimentos envolvidos.

Quanto aos dados que não estão disponíveis pelo SIPEX, torna-se necessário um processo demorado de intensa colaboração com outras unidades. Depois que os dados forem consolidados e disponibilizados, a sua análise e interpretação é feita por cada consulente de acordo com seu interesse, e não mais como parte de algum processo mais formalizado.

Rankings Internacionais: A experiência da UNESP e seus resultados.

O pesquisador **Helber Holland** informou que foi constituída em 2017 na UNESP a Comissão de Avaliação Institucional dos Rankings. Trata-se de comissão multissetorial cujas atribuições incluem a organização dos dados institucionais da Universidade e a proposição de estratégias para aprimorar o posicionamento da UNESP nos rankings internacionais. Compõem esta comissão a Pró-Reitoria de Pesquisa, a Coordenadoria de Bibliotecas, as Assessorias de Relações Externas e de Planejamento Estratégico, além de especialistas em bibliometria e cientometria originários da Faculdade de Ciências Agrárias e Tecnológicas e do Departamento de Ciência da Informação da UNESP-Marília.

Em seguida, foram destacados os desafios relacionados a uma universidade pública multicampus, com 34 unidades distribuídas em 24 cidades do Estado de São Paulo. Um desses desafios é a determinação e manutenção de métricas, a comunicação e o acesso à informações confiáveis. A UNESP foca suas atenções nos rankings ARWU(Xangai), QS, THE e Scimago.

Para assegurar a atribuição das publicações à UNESP foi desenvolvido um site pelo qual são fornecidas informações pontuais aos docentes e pesquisadores (<http://unesp.br/portal#!/prope/propetips/>). Para este fim, a UNESP também investiu

no seu relacionamento com a Elsevier Reed para Scopus e Scival e está incentivando ativamente os seus docentes a utilizar o Orcid para a identificação do autor. Para elevar a visibilidade da sua produção científica, a UNESP oferece incentivos para incrementar o número de publicações dos seus docentes. Além disso, envida esforços para expor seus pesquisadores na mídia e em fontes não-acadêmicas.

Apesar da modernização do seu Anuário Estatístico, trata-se ainda de um documento estático em fase de digitalização para se tornar uma ferramenta dinâmica de gerenciamento e transparência. No momento, a coleta de dados já é inteiramente digital. Para isso, uma articulação no âmbito do CRUESP pode contribuir para a troca de experiências entre universidades públicas.

Rankings Internacionais: A experiência da USP e seus resultados.

O professor **Raul Machado** apresentou as iniciativas da USP com destaque para a revisão da qualidade dos dados para sua avaliação institucional. Trata-se de reestruturar o Anuário Estatístico, em grande parte automatizado para assegurar sua pronta acessibilidade. Os seguintes rankings são monitorados: THE, QS, ARWU Shanghai, National Taiwan University Ranking, World Reputation Rankings, BRICS & Emerging Economies Rankings, US NEWS Best Global Universities.

O relatório destinado aos Rankings é elaborado a partir do banco de dados institucional, o qual é também integrado com o SiBi. Desde 2009, o Anuário Estatístico é a principal fonte de informação que alimenta os rankings. Desde então, para cada ranking é feito um levantamento semiautomatizado a partir da base de dados utilizada para produzir o Anuário Estatístico. Um esforço que poderá contribuir com o enriquecimento das informações será o estabelecimento de um mecanismo simples para aproveitar as informações do relatório CAPES dos programas USP.

Em seguida, foi observado que existe uma demanda por levantamentos focados em poucos dados, acompanhados por uma breve análise crítica voltada para o desenvolvimento futuro, em vez de coleta de grandes volumes de dados históricos. Também foi enfatizada a necessidade de analisar a consistência metodológica dos rankings para sua adequada interpretação e divulgação. Com isto, os rankings passam a constituir um instrumento de comunicação com a sociedade no que se refere às suas expectativas relativas às universidades públicas do Estado de São Paulo e, simultaneamente, de reflexão institucional para o seu planejamento estratégico.

Foi apresentado o relatório “AUCANI em Números”, mostrando a forma como a universidade analisa seus acordos internacionais e tenta usá-los para aumentar a alavancagem no desempenho institucional para efeito de rankings. Com isto, a Universidade pode utilizar a classificação como ferramenta para avaliar o cenário das ações internacionais, de modo a identificar as tendências e consequências das ações institucionais. A prioridade atual consiste em eleger fontes pertinentes para elevar a qualidade da informação, e a confiabilidade dos dados. Neste sentido, está em fase de constituição um grupo de responsáveis que representem as instâncias legítimas de produção dos dados.

Autores convidados e sinopse dos seus temas:

Universidade: excelência no contexto internacional

O professor **José Goldemberg** discute a evolução da universidade e da academia brasileira, apontando para a necessidade de reformas. Destaca o compromisso com a excelência e com uma visão internacional em que as universidades globais de elevado desempenho são as reais concorrentes para as três universidades estaduais de São Paulo. Com isso, ele postula a ideia de que é necessária a avaliação orientada para os rankings internacionais para melhor apreender o desempenho institucional.

A universidade como sistema e os indicadores de desempenho

O professor **Jacques Marcovitch** analisa a universidade como um sistema no qual interagem insumos, processos e resultados para gerar impactos na sociedade. Partindo da missão da universidade e dos seus valores é possível determinar um conjunto limitado de métricas que assegurem o monitoramento do seu desempenho institucional. Por outro lado, a metodologia e os indicadores adotados pelos rankings internacionais decorrem da razão de ser do seu estabelecimento. Identificados os indicadores-chave dos rankings e métricas selecionadas para o monitoramento da universidade pública, cabe assegurar a convergência para responder simultaneamente às expectativas do contribuinte paulista e aos padrões para o reconhecimento internacional.

Desafios do ensino superior no século XXI e o contexto internacional

A professora **Elizabeth Balbachevsky** observa no seu texto que a universidade é confrontada a um enorme desafio para atender simultaneamente às necessidades da sociedade local e global. Por isso, ela identifica uma transformação gradual das universidades de melhor desempenho. Uma transformação orientada pela lógica da governança com elevados níveis de autonomia descentralizada. Esta lógica organizacional é pautada pelo gerenciamento com metas e métricas selecionadas para o monitoramento do desempenho institucional. É, em grande parte, impulsionada pelo dever de responsabilização pública do ensino superior, que emana, de um lado, da sua importância para a sociedade e, do outro, do aumento considerável do custo de se fazer ciência. Isto significa que o investimento público exige resultados publicamente avaliáveis.

Os indicadores de desempenho acadêmico em rankings internacionais

O pesquisador **Justin Axel-Berg** observa que o mundo globalizado demanda o estabelecimento de uma cultura de contribuição para o debate científico internacional. Para participar deste debate a universidade deveria substituir as métricas de volume de publicações pela valorização do impacto de suas contribuições, assim como a liderança dos seus autores no ambiente local e nos debates globais. O aumento do número de rankings globais, apesar das controversas metodológicas e normativas decorrentes, oferece informações importantes sobre o desempenho das universidades por meio de maior transparência institucional. Além de fornecer bases

para análise e comparação, os relatórios padronizados por conjunto de dados, legíveis por máquina, constituem um desafio que as universidades brasileiras devem enfrentar.

Avaliação docente e rankings internacionais: complementaridade ou confronto

O professor **Luiz Nunes de Oliveira** examina a relação entre os indicadores dos rankings internacionais e as métricas adotadas pelas universidades públicas na avaliação dos seus docentes. Além da aversão de parte dos docentes aos processos de avaliação, estes geralmente se baseiam em métricas de fácil acesso. O texto analisa as convergências e divergências entre os processos de avaliação docente nas universidades públicas e os rankings internacionais. Desta análise, conclui-se que entre estes dois processos há mais divergências que convergências. Divergências que tendem a dissociar a avaliação dos docentes da avaliação institucional e do planejamento institucional. Divergências que inibem a complementaridade dos processos de avaliação institucional com os rankings internacionais, os quais estão em constante mudança, resultando nos desafios para o estabelecimento de estruturas avaliativas mais consistentes e estáveis.

Avaliação da pós-graduação e rankings internacionais: complementaridade ou confronto.

O professor **Renato Pedrosa** centra o seu estudo na relação entre o monitoramento da avaliação da pós-graduação no Brasil e o posicionamento nos rankings internacionais. As universidades públicas paulistas destacam-se por um número elevado de doutorandos. A relação quantitativa entre número de doutorandos/orientador ou doutorandos/equipe de pesquisa é mais elevada em comparação com as universidades norte-americanas. Outras investigações demonstram que quando a carga de ensino é elevada verifica-se um efeito negativo na qualidade da investigação institucional. O peso das métricas relativas ao ensino e à quantidade de publicações em “journals” inibe o avanço da ciência. Materializa-se o conflito entre a busca de padrões globais na pesquisa reconhecida pelo volume de citações e as atividades de ensino de graduação e de extensão de serviços à comunidade. Estas últimas consideradas essenciais pelos contribuintes e mantenedores das universidades públicas.

Universidades públicas e suas parcerias com a indústria: impactos e repercussões nas comparações internacionais

O professor **Carlos Henrique de Brito Cruz** propõe que as três universidades estaduais estejam melhor organizadas elevando a confiabilidade dos seus dados. Destaca a importância dos indicadores relativos à interação universidade-empresa. Ressalta a incapacidade das universidades de registrar e disseminar três indicadores importantes desta interação: 1. O número e o valor total dos acordos e contratos entre as universidades e a indústria; 2. O número de patentes solicitadas, o número de patentes concedidas, os licenciamentos outorgados e o valor dos royalties que deles derivam; 3. O número de empresas incubadas no âmbito da universidade e outros programas de inicialização de empresas. Em complemento, formula as seguintes

perguntas: como os processos de avaliação nas universidades influem na sua posição nos rankings? Como a posição da universidade nos rankings influi nos processos de avaliação institucional? Como as avaliações da CAPES contribuem, ou restringem, o avanço da ciência de alto impacto e alta qualidade no Brasil?

Universidades públicas e comparações internacionais: tensões e paradoxos

A professora **Nina Beatriz Stocco Ranieri** destaca em seu texto duas tensões relativas às comparações internacionais. Das duas tensões emerge um paradoxo: classificações de universidades públicas brasileiras em rankings internacionais, de grande efeito midiático, tidas como declarações verdadeiras pelo senso comum, não revelam necessariamente a contribuição da instituição na sociedade brasileira. A primeira tensão decorre da globalização e do localismo: o que é priorizado pelos rankings internacionais não é necessariamente o mais relevante em face da diversidade e heterogeneidade de fins das universidades públicas brasileiras. Complementarmente, o que é fundamental para a missão local das universidades públicas brasileiras nem sempre se reflete nos indicadores dos rankings internacionais. Nesse contexto, em termos de comparações internacionais, é de vital importância determinar, nos rankings internacionais, quais são as dimensões relevantes para avaliar o desempenho das universidades públicas brasileiras. A segunda tensão verifica-se entre autonomia e controle social: o fato de os rankings internacionais serem usados pela sociedade em geral para criticar o ensino superior público sugere que as universidades devam responder indiscriminadamente às demandas desses mesmos os rankings. O problema é que nessa crítica não são levadas em conta suas peculiaridades institucionais e jurídicas, forma de financiamento e, em particular, o seu grau de autonomia em matéria de ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, é fundamental que as universidades articulem suas apreciações sobre os rankings internacionais de forma clara e objetiva e as divulguem amplamente.

Estudos bibliométricos e cientométricos e seu impacto nos rankings universitários

O professor **José Augusto Chaves Guimarães** traça um panorama histórico-conceitual dos estudos bibliométricos e cientométricos. Em seguida, aborda o seu papel estratégico como elemento para a avaliação da produção científica. Finalmente, trata da sua instrumentalidade para determinar parâmetros tendo por fim as comparações internacionais, incluídos os rankings universitários.

O desempenho das universidades brasileiras nos rankings internacionais.

A pesquisadora **Solange Maria dos Santos**, com base em sua tese de doutorado e experiência profissional, aponta a dificuldade das universidades de progredir nos rankings internacionais. Ressalta que o expressivo aumento da produção científica explica o número de universidades que aparecem nos rankings internacionais. Complementa que a qualidade desta produção científica e seu impacto limitado impedem a ascensão dessas instituições nos rankings internacionais. Assinala que nos rankings internacionais por área de conhecimento, as universidades revelam algumas áreas de desempenho de classe mundial. Seu número limitado dificulta a sua

conversão em elevado desempenho na classificação geral de universidades. Recomenda que as avaliações de desempenho institucional se utilizem do formato de “conjunto de dados” (*datasets*) legíveis por máquinas para facilitar análises mais focadas e precisas, o que os documentos estáticos como anuários estatísticos não permitem.

Rankings internacionais: limitações e impactos

A pesquisadora **Sabine Righetti**, com base em sua tese de doutorado e em pesquisa subsequente, trata da origem dos dois principais rankings universitários da atualidade de acordo com a literatura: o ranking chinês ARWU (criado em 2003) e o ranking britânico THE (criado no ano seguinte). Aborda o contexto em que esses dois rankings foram desenvolvidos, como foram pensados e como evoluíram os seus indicadores, o que pretendem medir, compara os resultados dos dois rankings ao longo dos anos e aponta as principais diferenças desses resultados com olhar especial para o desempenho das universidades brasileiras. O trabalho mostra ainda que os dois rankings universitários mencionados, ARWU e THE, têm ganhado espaço cada vez maior na sociedade com impacto real na tomada de decisão dos alunos de graduação e de pós-graduação, nas políticas públicas de ciência e de educação e na gestão das universidades. Aqui, por fim, o texto faz um recorte específico nesse último ponto e compila medidas recentes tomadas por diferentes universidades internacionais e brasileiras no sentido de monitorar, de estudar e de internalizar indicadores dos dois rankings universitários mencionados na sua própria gestão.

Delineamento do Workshop a ser realizado em março de 2018.

Primeira aproximação para o Workshop a ser realizado no dia 22 de março de 2018, quinta-feira, das 08:00 às 18:00 na FEA/USP.

- 08h00 Recepção dos participantes.
- 08h30 Indicadores de desempenho e comparações internacionais: temas e práticas.
- 10h30 A experiência da USP, UNICAMP e UNESP e seus resultados.
- 12h30 Intervalo.
- 14h00 Indicadores de desempenho e comparações internacionais: autores convidados.
- 17h30 Considerações finais.

Nota: Os organizadores deste encontro agradecem a FAPESP e a sua Gerência de Comunicação que contribuíram na organização e para o êxito do evento. Este encontro integra as atividades do Projeto *Indicadores de desempenho nas Universidades Estaduais Paulista* - Processo 2017/50046-8.

Anexo I

Expectativas referentes aos Workshops do Projeto “**Indicadores de desempenho nas Universidades Estaduais Paulistas**”, colhidas junto aos participantes do encontro realizado em 22.11. 2017 na FAPESP.

Carlos Vergani (UNESP) recomenda a adoção de uma política pública explícita sobre indicadores de desempenho nas universidades estaduais paulistas para efeito de comparações internacionais. Propõe que esta política pública seja amplamente debatida em 2018 e que recursos sejam disponibilizados para sua implantação.

Cláudia Izique (Agência FAPESP) espera que a avaliação de desempenho nas universidades aprimore a governança das instituições, para projetar a ciência brasileira no cenário nacional e internacional em benefício da sociedade como um todo.

Flávia Bastos (UNESP) propõe dar visibilidade aos rankings internacionais, com suas limitações e impactos, para aumentar a interação e articulação entre os grupos de pesquisadores dedicados ao tema.

Helber Holland (UNESP) sugere aumentar a interação e colaboração entre universidades públicas. Propõe a elaboração de um estudo abrangente sobre indicadores de desempenho para efeito de comparações internacionais.

Karen Shimizu (USP) reitera que uma compreensão avançada melhor disseminada dos rankings no âmbito das universidades contribui para sua visibilidade interna e externa. Com isso, o discurso público sobre a relevância da avaliação do desempenho da universidade se torna mais consequente.

Mauricio Kleinke (UNICAMP) destaca a necessidade de um aprofundamento na compreensão para o delineamento e funcionamento de uma “unidade de inteligência” responsável pelos indicadores de desempenho e pela formação de um banco de dados com indicadores consolidados.

Paulo Muzy (USP) enfatiza a necessidade de um exame dos métodos estatísticos utilizados pelos rankings internacionais para enfrentar o problema da dimensionalidade. Em complemento, realça as maneiras pelas quais as universidades podem usar os resultados dos rankings para alavancar a autonomia universitária.

Raul Machado (USP) recomenda que os rankings internacionais façam parte da responsabilidade social da universidade. Com isso, a informação decorrente das comparações internacionais passa a ser transformada em ferramenta complementar para o aprimoramento do desempenho da universidade. Tais recomendações devem ser acompanhadas pela análise sistemática das metodologias e validade das métricas contidas nos rankings.

Rosangela Correia Leves (UNICAMP) apresenta proposta de se estruturar um módulo didático no formato de oficina, para tornar mais acessível o conhecimento público sobre metodologia e métricas relacionadas aos rankings internacionais.

Silvio de Paula (USP) aborda os custos relacionados aos rankings e formula as seguintes questões: Qual é o impacto de um rebaixamento relativo num ranking internacional? Quais são as implicações de um rebaixamento na nota de avaliação da CAPES? Quais são as vantagens e os riscos de priorizar as métricas dos rankings internacionais em comparação às métricas da CAPES? Os benefícios decorrentes de uma boa classificação num ranking internacional compensam a eventual redução de nota na avaliação da CAPES? Quais são os recursos humanos/organizacionais necessários, para uma universidade pública alcançar padrões de classe mundial? Propõe a adoção de um relatório de cunho estratégico drasticamente simplificado. Enfatiza a importância do intercâmbio de conhecimentos e experiências entre as universidades, para que todas estejam melhor preparadas para lidar com a avaliação do desempenho institucional.

Solange dos Santos (SciELO) ressalta a importância de encorajar a academia a perder seus medos dos rankings internacionais para um engajamento maior, de forma madura e responsável. Com isso, os mecanismos de feedback positivos podem se disseminar dentro das universidades.

Anexo II

“Indicadores de Desempenho Institucional e as Comparações Internacionais”

A experiência da USP, UNICAMP e UNESP e seus resultados.

(Roteiro de apresentação referente às comparações internacionais)

1. Sua instituição monitora o seu **posicionamento nas comparações internacionais**? Em caso afirmativo, quais são os rankings internacionais monitorados? Como é feito este monitoramento?
2. Como as comparações internacionais têm sido recebidos pela sua Universidade? Qual é o **impacto dos rankings internacionais** na determinação de prioridades, nos processos de planejamento e na alocação de recursos?
3. Qual é o **sistema de indicadores** de sua Universidade relativo ao desempenho institucional? Qual tem sido o papel do Anuário Estatístico? Qual tem sido o papel dos rankings internacionais?
4. Quais são os **indicadores priorizados** para efeito de avaliação de desempenho dos docentes? Quais são os indicadores priorizados para efeito do Anuário Estatístico? Quais são os indicadores priorizados para efeito de rankings internacionais?
5. Quais são os **processos de coleta de dados** para elaboração do Anuário Estatístico? Como são os processos de coleta de dados para responder às demandas dos rankings internacionais?
6. Como são os **processos de análise e interpretação de dados** após a publicação dos rankings internacionais? Há uma análise específica relativa aos rankings internacionais por “áreas de conhecimento”? Os resultados dessas análises e interpretação de dados são divulgados?
7. Quais ferramentas estão sendo desenvolvidas para integrar **fluxos de informações para a construção de bases de dados** legíveis por máquina que favoreçam o acompanhamento do desempenho institucional?
8. Como dialogam as **fontes internas e as fontes externas** (ex. Lattes/CNPq, FAPESP, Web of Science, Scopus etc.) para a construção de bases de dados?
9. Qual é a **unidade responsável** pelo monitoramento de rankings internacionais e seu vínculo com a governança da Universidade? Quais são os **atributos dos responsáveis** pelo monitoramento relativos aos rankings internacionais e pelo sistema de indicadores de desempenho?
10. Quais são as **recomendações** para criar nas Universidades um ambiente de colaboração para elevar sua inserção nas comparações internacionais? Quais são as **recomendações** para criar, entre as universidades públicas do Estado de São Paulo, um ambiente de colaboração para elevar sua inserção nas comparações internacionais?